Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Êste número é especialmente dedicado a GINGER ROGERS, da Rádio Filmes, 1.º Prémio da Academia

2.ª SÉRIE — N.º 19 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 17 DE MARÇO DE 1941 — PREÇO: 1$50

A ELEGANCIA DE GINGER ROGERS

Ginger é, sem dúvida, uma das actrizes de cinema que melhor veste. Por isso os figurinistas e os costureiros da RKO-Rádio se apuram para a vestir. Damos nesta página três dos modelos que apresentou em «Sorte Grande»: um «trotteur», um vestido de baile e um pijama, qual dêles o mais feliz. E aconselhamos as nossas leitoras a copiá-los sem hesitações!...







2.ª série N.º 19 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65. Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276. Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

17 de Março de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

«ANIMATÓGRAFO» CONTRA O INTERVALO A MEIO DAS FITAS

UMA CAMPANHA DESINTERESSADA

que desperta o interêsse de muitos e não pretende ferir os interêsses de ninguém!

Não foi de ânimo leve que «Animatógrafo» rompeu hostilidades contra a interrupção forçada dos filmes de fundo. Quem leu atentamente tudo o que temos escrito àcêrca dum hábito rotineiro e anacrónico, far-nos-á certamente a justiça de saber que não nos move outro interêsse que não seja o de *favorecer o espectáculo cinematográfico*, servindo-o, favorecendo e servindo os que dêle vivem. Está provado (e até os que defendem a conservação do «2.º intervalo» concordam em tal) que o corte brusco dum filme pelo meio prejudica, na maioria dos casos, o efeito que êle produz sôbre o público. Diminuiem-se assim as probabilidades do seu êxito, o que prejudica muito directamente o Cinema e, por conseqüência lógica, *ainda que os próprios interessados não dêem por isso*, os interêsses dos exibidores e dos distribuidores. Quanto ao público, embora haja quem suponha ou afirme o contrário, condena *na sua grande maioria* a interrupção abrupta e imprevista que as fitas sofrem nas circunstâncias actuais. E as pessoas autorizadas, pela sua posição perante os problemas estéticos, a manifestarem o seu parecer, concordam inteiramente com a nossa opinião, que é a de todos os *cinéfilos*, isto é: a de todos os *amigos do Cinema*, a de todos os *freqüentadores assíduos dos cinemas*, que são aqueles, julgamos nós, de quem o Cinema vive e a cuja vontade lhe convém obedecer, mais que à dos espectadores adventícios ou indiferentes.

O Director do Secretariado de Propaganda Nacional e o Presidente da Academia de Belas Artes condenam o 2.º intervalo

António Ferro, director do S. P. N., jornalista brilhantíssimo e cinéfilo do melhor quilate, não se limitou a concordar connosco:

— «Animatógrafo» deve prosseguir a sua campanha até à vitória total. Fazer um intervalo a meio dum filme é um contra-senso. Ninguém tem o direito de interromper arbitràriamente obras que foram concebidas e realizadas para serem vistas a seguir. Tenho visto cinema em todo o Mundo e só em Portugal se pratica — e se consente — êsse atentado contra a vontade dos autores. Seria o mesmo que representar em cinco actos uma peça escrita para ter só três ou, mais exactamente, representar em dois actos uma peça que tivesse só um.

Por sua vez, o sr. Prof. Doutor Reinaldo dos Santos, presidente da Academia de Belas Artes, declarou-nos:

— Fica muito mal o intervalo a cortar os filmes grandes. Estes devem ser exibidos sem qualquer interrupção.

Para tranqüilidade total da nossa consciência, bastar-nos-iam estas duas opiniões.

Mas há mais.

O sr. Maxime Vaultier telefonou-nos de propósito

O grande industrial sr. Maxime Vaultier, assinante do «Animatógrafo», telefonou-nos propositadamente para nos dar o seu apoio incondicional à nossa campanha:

— O intervalo que se condena é um autêntico abuso, disse-nos. De tôdas as iniciativas do «Animatógrafo», que tenho seguido com o maior interêsse, a vossa campanha contra o intervalo a meio dos filmes é sem dúvida a que melhores resultados práticos pode trazer a favor do espectáculo cinematográfico. Um país como Portugal não pode tolerar semelhante atraso em relação a todos os outros países, onde êsse intervalo não existe desde que em cada cabina se instalaram duas máquinas — *exactamente para que os filmes fôssem exibidos sem interrupção.*

Quando uma pessoa tão ocupada com o sr. Maxime Vaultier dedica alguns minutos do seu dia de trabalho para nos transmitir a sua aprovação (que temos na conta duma das mais valiosas) — é que, sem dúvida, ESTAMOS NA RAZÃO!

Mas não dispensa a nossa lealdade registar as opiniões que nos são francamente contrárias, pois somos parte e não juíz de semelhante causa, que só ao público competirá sentenciar.

O jornalista «Visor 40» concorda com a interrupção brusca dos filmes

O nosso camarada *Visor 40* redactor do «Diário de Lisboa», a propósito do filme «Tormenta a Bordo», — que o São Luiz exibiu sem intervalo e que *Visor 40* considera *«uma série de quadros inesquecíveis, duma poderosa intensidade ogival»* — declara, *in fine*:

Foi pena que a sua exibição não tivesse sido cortada por um intervalo. O próprio carácter da obra o impunha, atenuando assim a sua densidade nocturna e dando-lhe uma respiração de crítica que só, nos intervalos, se faz em permuta livre de opiniões. Um pouco de luz, um cigarro que se fuma, um amigo que se encontra são sempre salutares. O espectáculo, ontem, terminou já depois da meia noite e meia hora — bastante tarde para o que é costume.

Não podia a emprêsa do São Luiz exibir a brilhante orquestra Sousa Pinto, no final, abrindo, porém, uma pausa no filme que está exibindo?

Eis uma sugestão aceitável, que só redundará em benefício do público e da obra.

Salvo o devido respeito, tanto a opinião como a sugestão nos parece bastante... ogival.

«Os Ridículos» são da mesma opinião

O semanário humorístico «Os Ridículos», com a veia faceta que o caracteriza há nada menos de 36 anos, publica um artigo engraçadíssimo, que abre com estas espirituosas palavras:

Vai alastrando a sem-cerimónia com que hoje se brinca com o pão de cada um — sem-cerimónia tanto mais condenável quanto é certo estar a agravar-se, minuto a minuto, uma crise económica que é já pavorosa e que os tempos mais próximos tornarão insuportável.

Continua no mesmo magno tom de optimismo, e mimoseia-nos com esta:

Pois, com problemas tão complicados e tão delicados diante dos olhos, há uns senhores de grandes vistas que não hesitam em sacrificar à sua douta(?) opinião o interêsse de milhares de trabalhadores e, por reflexo, o pãozinho de muitos milhares de famílias!

Como vêem, o artigo é a fingir que é a sério, e percebe-se que procura atingir «Animatógrafo» e os seus redactores, agora empenhados na supressão do intervalo a meio das fitas. Os *milhares de trabalhadores* são os proprietários e os empregados dos bufetes dos duzentos e tantos cinemas que existem ao todo em Portugal, pois é sabido que, cada bufete, dá trabalho a cêrca de vinte pessoas, contando, é claro, o tão remunerador trabalho de mastigação e deglutição dos respectivos fregueses. O *pãozinho*, por uma figura de retórica chamada «sinédoque», significa as sanduíches que se vendem nos mesmíssimos bufetes e que alimentam milhões de portugueses.

Expõem a seguir a situação (que dizem angustiosa), das salas exibidoras — o que é evidente, atendendo ao êxito de «Rebecca», de «Sinfonia dos Trópicos», de «Ninotchka», do «Primeiro Amor de Gata Borralheira», de «Robin dos Bosques», de «Balalaika», da «Cidade Turbulenta», etc., etc., etc. — e insurge-se, com a graça habitual, contra a nossa campanha, insinuando, com a delicadeza da praxe, que os pseudónimos de leitores que publicamos traduzem pessoas supostas, e que as manifestações já verificadas contra o intervalo foram provocadas por sicários nossos, a trôco de alguns escudos. Afirmam ainda «Os Ridículos», com impressionante segurança, que os partidários da supressão somam ao todo *dez*. E terminam com uma grosseria, para que ninguém possa ter qualquer dúvida de que o artigo é da redacção.

Mas o melhor da festa é êste bocadinho:

Pois os cinéfilos portugueses — quantos são êles? — que não foram ainda capazes de construir o Cinema Português, andam agora às voltas com o intervalo!

E porquê?

Simplesmente porque o intervalo prejudica o ritmo do espectáculo. Vejam bem: por causa do ritmo — uma coisa tão pequenina que até se escreve com cinco letras...

Chama-se a isto consciência e furo jornalístico. Tapona nos cinéfilos (porque são poucos...) a favor dos trabalhadores do bufete, que são aos milhares! Abaixo o ritmo (porque tem só cinco letras) e arriba o intervalo, que tem nada menos de nove!...

Vivam as maiorias!... Vivóóó!...

O artigo vem assinado *Atirador Especial*. Aqui para nós, tem fraca pontaria e escolheu uma espingarda muito ordinária.

Quando «Animatógrafo» celebrar, mais tarde ou mais cêdo, com a devida pompa, o entêrro do intervalo a meio dos filmes *(único contra o qual nos insurgimos)* não deixará de convidar «Os Ridículos» para ir às borlas, como é seu costume.

Um empresário da Província aguarda a decisão dos freqüentadores do seu cinema

J. Gomes Guerra, de Viseu, escreve-nos o seguinte, que transcrevemos, e que se refere a uma conversa que teve, àcêrca do 2.º intervalo, com o empresário Alberto Rodrigues, daquela cidade:

«O sr. Alberto Rodrigues, rei do cinema em Viseu, como único

(Continua na página 16)

Uma sugestão para um assunto inédito no CINEMA NACIONAL: o filme de ambiente académico



Freddie Bartholomew e Jackie Cooper...



...são os protagonistas do filme da Universal «Spirit of Culver»

ESPÍRITO HEROICO

(SPIRIT OF CULVER)

Dificilmente se justifica a razão por que os cinegrafistas portugueses ainda não pensaram num filme, vivido num ambiente académico nacional, principalmente nesse meio, de características únicas, que é a luminosa Coimbra. Mocidade, alegria, romance, côr local, sentimento, são típicos que a nossa cidade universitária, espontânea e automàticamente, sugere, num poder de expressão que, naturalmente, não deixou já de cativar o romance e o teatro. Espantoso por isso é que o Cinema pátrio, tão amiudadas vezes enfermando da carência de argumentos de interêsse, não pensasse ainda em vestir as suas personagens com as capas negras dos estudantes ou os chailes donairosos das tricanas, isso para não focar outros ambientes culturais do nosso País. Não acham que, por exemplo, o Colégio Militar ou a Casa Pia seriam quadros curiosos para filmes em que, talvez, em inesperadas crianças se iriam encontrar aquelas revelações ante a objectiva que, infelizmente, tão poucas vezes, os nossos actores adultos nos têm mostrado?

Quem escuta as emissões infantis dos diversos postos de radiodifusão nacional não tem quaisquer espécie de dúvidas acêrca das possibilidades artísticas de muitas crianças da nossa terra. Lembrem-se, por exemplo, da voz, de invulgar encanto, daquela menina que, semanalmente, se faz ouvir na meia hora de recreio para crianças da Emissora Nacional e que me disseram ser educanda de um estabelecimento de ensino, de Lisboa.

Estas considerações — que talvez alguns tomem na conta de desconsiderações... — vieram-me a propósito dos freqüentes filmes em que os americanos nos têm várias vezes mostrado os seus centros educativos, películas essas de importância tal que, hoje, muitos cinéfilos conhecem melhor as academias ou universidades de West Point, Indianapolis, Haward, Culver, do que — perdôem-me a insistência! — a de Coimbra! E a oportunidade da presente crónica foi-me provocada pela recente visão de um dos melhores filmes que, no género, a América nos tem mandado. Refiro-me à produção da Universal, «Espírito Heróico», que Filmes Alcântara apresentam, nos cinemas Odéon e Palácio, e que, de forma alguma, pode ser olhada como produção banal de um género já muito visto, porque ela tem indiscutìvelmente um valor à parte: representa, prodigiosamente, após a longa teoria de películas académicas, coisa absolutamente nova no género.

Assim, quando a maior parte das películas dêsse estilo têm insistido especialmente na apresentação de estudantes, já para além da infância, dominados principalmente por inclinações amorosas e desportivas, «Espírito Heróico» mostra-nos crianças, ainda no limiar da adolescência, mas sentindo, com a pureza dos seus corações ainda incólumes de paixões perturbadoras, dedicadamente a noção do dever, do amor da pátria, das responsabilidades sociais.

«Spirit of Culver», o título original do admirável filme das selecções Vicente Alcântara, Ld.ª, exprime, de certo, mais incisivamente o sentido e a orientação do notável trabalho de Joseph Santley, que Jackie Cooper e Freddie Bartholomew vivem com todo o fôgo da sua mocidade, secundados por um núcleo de actores tais como Andy Devine, Henry Hull, Tim Holt, Gene Reynolds, Jackie Moran, Walter Tetley, Kathryn Kane e Marjorie Gatison. Todavia, ponderáveis razões comerciais fizeram optar pelo título «Espírito Heróico» que o assunto, escrito expressamente para a tela por Whintney Belton e Nathaniel West, justifica plenamente.

Não será exagêro afirmar que Freddie Bartholomew e Jackie Cooper, êsses dois talentosos rapazes que temos visto crescer na tela, física e artìsticamente falando, têm, em «Espírito Heróico», as suas melhores criações, em duas curiosas figuras de tão diversa psicologia, mas irmanadas nos mesmos sentimentos de honra e dedicação.

Grande parte da obra foi filmada na própria Academia Militar de Culver, e os interiores, construídos nos estúdios da Universal City, foram cópias fidelíssimas de locais idênticos da nomeada escola.

«Espírito Heróico» não se assemelha, em ponto algum, às precedentes películas universitárias, nas quais já se tornou banal a competência desportiva que consagra no inevitável desafio final, as qualidades atléticas e, freqüentemente inverosímeis, do galã da fita. Agora, felizmente, não há competições desportivas nem há meninas de miôlo débil.

Filho de um dêsses supostos heróis, a escola recebe um órfão a quem a indigência tornou rebelde. Mas o ambiente da academia e a dedicação dos camaradas curam-no até a hora trágica em que averigua que o pai não morrera com o heroísmo que lhe engrandecera a memória e abrira, honrosamente, as portas da escola militar, ao filho, mas fôra realmente um desertor cobarde, que agora arrasta uma existência de miséria e de doença física e moral.

Surge o conflito, em que o rapaz coloca apesar de tudo, o amor paterno acima do futuro que o espera, num curso brilhante que lhe garantia uma carreira magnífica. Felizmente, o drama resolve-se a contento geral, com a rehabilitação lógica do desertor e o prosseguimento da carreira do seu corajoso filho.

Obra interessante, primorosamente conduzida num ritmo de grandiosidade e nobreza, «Espírito Heróico» é um filme sinceramente muito recomendável.

José da Natividade Gaspar



Uma cena de «Espírito Heróico», que os Filmes Alcântara vão apresentar no Odéon e no Palácio

PANORÂMICA

Cinema Português

Na quinta feira passada, António Lopes Ribeiro efectuou, a convite do Secretariado da Propaganda Nacional, uma palestra no Central Cinema, sôbre as possibilidades da indústria cinematográfica portuguesa. Essa palestra, que interessou vivamente a assistência, que a ouviu durante quarenta e cinco minutos sem dar conta do tempo que passava, versou vários pontos de capital importância. Assim, o director do «Animatógrafo», depois de ter informado o público que não ia fazer pròpriamente uma conferência mas sim uma palestra, estudou o problema do custo da produção nacional.

A seguir, examinou a reacção do público perante os filmes nacionais e estrangeiros e, a propósito, reeditou verbalmente o seu editorial «Cuidado com as malas!» narrando episódios autênticos que provocaram franca hilaridade.

Exortou o público a acarinhar as nossas produções, que êle aguarda com espectativa e de que se desinteressa a partir da noite da estreia.

Por último, disse que as possibilidades existem e que a regularização e continuidade de produção bastam para que esta resulte melhorada, para bem de todos e para honra do cinema português.

Uma carta de Adolfo Coelho

Do nosso amigo sr. Adolfo Coelho, a quem se devem alguns dos melhores estudos sôbre o tráfico dos estupefacientes, espionagem internacional e outros problemas palpitantes, recebemos uma carta em que refuta — e com razão — uma imprevista acusação de plágio literário que lhe é feita pelo jornalista sr. Roberto Nobre num artigo publicado na «Seara Nova», suposto plágio que se manifestara num artigo de Adolfo Coelho que «Animatógrafo» teve o prazer de publicar no seu quarto número.

Para completa elucidação dos leitores dum e doutro semanário, publicaremos no próximo número a carta de Adolfo Coelho.

«As Mãos e a Morte»

Conforme temos anunciado, «Animatógrafo» e a Sonoro-Filme vão apresentar brevemente, por sua conta e risco, o filme «As Mãos e a Morte» (Of Mice and Men), de Lewis Milestone, obra-prima que a nenhum cinema de estreia conveio apresentar, por ser, de facto, um filme difícil de defender dentro das normas comerciais que condicionam naturalmente a exibição. Mas a sua alta qualidade artística impunha-nos que a déssemos a conhecer ao público apreciador do bom cinema.

Actualidade

Num dos últimos números dum famoso diário nortenho, depara-se-nos esta pérola de informação:

Carole Lombard aceitou interpretar um papel no filme «They knew what they want» (sic), realização de Garson Kanin, sem conhecer nada do argumento.

Quem não conhece nada do argumento nem do filme a que se refere é o informador, que está bastante des-sincronizado com a actualidade. Pois não há um só leitor do «Animatógrafo» que ignore tratar-se do tão discutido filme «O Outro», não só concluído, como até já estreado em Lisboa, vai para três quinze dias. Exactamente a 20 de Janeiro e no Tivoli.

Parece-nos que o Cinema deveria merecer aos jornais diários mais carinhosa atenção.

Lição duma actriz

Poucas vezes, nesta já longa carreira cinematográfica, que abrange um têrço de tôda a breve e aventurosa história do Cinema, temos experimentado com mais intensidade a grata sensação de fazer justiça, como desta vez, dedicando especialmente a Ginger Rogers um número do «Animatógrafo».

Mil vezes temos dito e escrito que a faculdade que mais amorosamente cultivemos em nosso fôro íntimo é a faculdade de admirar. Nenhuma nos tem trazido, mais do que ela, fortes consolações. E se nem sempre — ou nunca — tal jardinagem nos trouxe compensações materiais (decerto porque com ela as não buscamos), não têm conta as horas de alegria que lhe ficámos a dever.

A sentença singularíssima de Voltaire na última linha de «Candide» — «Il faut cultiver notre jardin» — transcende tôda a imensa obra do escritor, tôdas as suas azedas elocubrações de «révolutionnaire en chambre», e eleva-se, como se rompessem asas no dôrso estilístico da metáfora, para além do mundo baixamente humanal que êle tão ferozmente se aplicou a destruir, envolto no seu roupão.

Flôr predileta do nosso jardim cinéfilo, temos cultivado apaixonadamente a nossa admiração por Ginger Rogers, desde o dia em que a vimos pela primeira vez, com uma grande moeda de oiro falso na mão e os dois dentinhos da frente separados, cantando o estribilho famoso das «Golddiggers» — as «Cavadouras de Oiro»:

«We're in the money, We're in the money...»

Vimo-la rodopiar depois nos braços de Fred Astaire, com vestidos de sonho a modelar um corpo de verdade, os seus cabelos de oiro, tão artificial como o da grande moeda, mas bem mais tentadores, soltos sôbre os seus ombros de escultura. E envoltos na penumbra dos salões, encafuados em cadeiras mais ou menos cómodas, surpreendiamo-nos a murmurar, em unísono com os alto-falantes:

«Night and day... You are the one!...»

E dizíamos, com Émile Vuillermoz, que a verdadeira alma daquele par sem par, articulado pelo talento de Astaire, — era Ginger Rogers. Se a Fred se devia o contra-ponto corègráfico das melodias de George Gershwin, de Irving Berlin, de Cole Porter, a Ginger ficávamos devendo a sua perfeita materialização, a sua melhor crítica, a sua mais completa apologia.

É-nos pràticamente impossível ouvir num gramofone os discos onde se guardam as músicas criadas por Ginger e Fred — o «Continental», o «Piccolino», o «Night and Day», o «Lovely to look at», o «Cheek to Cheek», o «Change Partners» — sem evocarmos, com um automatismo infalível, os passos e as figuras harmoniosas da musa complementar do bailarino genial, espécie raríssima de gafanhoto rítmico, insinuante e anormal.

Maravilhoso poder de contágio do Cinema, epidemia luminosa que contamina os espíritos de agora, tomando-os duma febre salutar!

Prodigiosa juventude, a do Cinema, que sempre se renova em sua efemeridade, onde os «veteranos» mal passaram dos cinqüenta e as «velhas actrizes» ainda exibem o esplendor dos trinta e tal!

Por isso uma carreira como a de Ginger Rogers, que nos comprazemos a examinar à lupa, entregando o estudo de cada uma das suas fases a cada um dos nossos redactores, é tìpicamente cinematográfica. Ginger Rogers alcança aos vinte e nove anos a mais alta consagração a que uma actriz pode aspirar, prémio justíssimo ao seu talento, à sua beleza, à sua mocidade, que se multiplica e se dá generosamente, transformada em luz, pelos milhares de «écrans» que se espalham no mundo, último refrigério duma época de luto e de perversidade. Que outra arte pode hoje oferecer aos seus artistas tão assombrosa apoteose?...

Reparem, no entanto, o que foi preciso, para Ginger Rogers chegar onde chegou. Que soma de trabalhos, de canseiras, de ilusões perdidas, tornadas a ganhar, para permitir a uma rapariguinha do Missuri que se elevasse até onde se ergueu? Porque não nos referimos aos trabalhos, canseiras e ilusões de Ginger, mas aos de todos os artífices do cinema norte-americano que fizeram da sua indústria a terceira do seu país. E há ingénuos que querem ver as nossas pobres camaradas dos estúdios, essas heróicas raparigas portuguesas que sacrificam, como nós, a um Cinema quási inexistente, os seus mais límpidos e descuidados anos — EXACTAMENTE PARA QUE ÊLE EXISTA — ingénuos que querem vê-las competir, «de caras», logo à primeira e tímida aparição, com as Shearers, as Garbos, as Crawfords, as Margareth Sullavan!... Como se Ginger Rogers, quando apareceu, pudesse competir com elas!... Como se elas próprias fôssem vedetas de gèração espontânea!... A memória do público é curta e desatenta. Supri-la-emos com a nossa, pois nos lembramos muito bem que Norma Shearer, na «Tôrre das Mentiras», não representava melhor que Maria da Graça em «Pôrto de Abrigo» e que Joan Crawford em «Fora da Lei Sêca» fazia menos vista que Maria Paula nas «Pupilas do Senhor Reitor».

Sòmente há quem não queira que qualquer delas possa vir a ter, dentro do nosso mundo, renome equivalente ao de Ginger Rogers no mundo de tôda a gente. E julgam, patriòticamente, que isso de ser nova, e bonita, e ter talento, e jeito, e vocação — é só para estrangeiras...

Mas Ginger Rogers, boa camarada, rapariga sensível e sensata, vem dizer ao ouvido das que acreditam, como ela acreditou:

— Não façam caso, não desistam!... Eu comecei bem mais difìcilmente que vocês.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

CINEMA PORTUGUÊS

O caso de MONVEL

«A alma é, para o comediante, a primeira parte do talento» — LEKAIN

Maria Gil, leitora do «Animatógrafo» e distinta colaboradora da «Página dos Novos», escreve-nos, contrapondo a sua opinião, muito de ponderar, às nossas afirmações publicadas no artigo «Não há bela sem senão». Felicitamo-nos por ter merecido as atenções de «Maria Gil» e ousamos transcrever os períodos finais da sua carta, que nos vão dar matéria para um artigo. Diz a referida leitora, com muito bom-senso:

«Uma só beleza devem exigir os cinéfilos: a beleza da Arte, que se impõe sempre, vestida de qualquer forma».

Plenamente de acôrdo. Mas não esqueçamos que a Beleza nem sempre é sinónimo de bonito ou de formoso. Há aquilo a que chamamos o belo horrendo e que não deixa de ser horrendo conquanto seja belo, embora continue a ser horrendo.

Depois de termos escrito as nossas impressões àcêrca do bonito e do feio como elementos aproveitáveis para o Cinema, lembrámo-nos do caso de Monvel, que bem pode servir de estímulo e exemplo para os rapazes candidatos à arte de interpretar.

De novo provaremos que, na vida, vale mais a fôrça de vontade do que um palminho de cara agradável por detrás do qual não arde qualquer chama criadora.

A fôrça de vontade — escrevemos. De facto, ela já transformou, na velha Grécia, um homem tímido e com péssima dicção, num portentoso orador.

Lekain — já citado por nós nestas colunas, embora uma inoportuna «gralha» houvesse então desfigurado o nome — foi um actor célebre, embora lhe minguassem os dotes físicos. E êle próprio dizia:

«A alma é, para o comediante, a primeira parte do talento; a inteligência a segunda; a verdade e o calor da dicção, a terceira; a graça e o desenho do corpo, a quarta».

Há dias, assistimos, casualmente, a uma conversa curiosa, entre vários rapazes que discutiam as suas possibilidades e qualidades para interpretar Cinema. Os mais velhos riram-se, a certa altura, do mais novo e, à uma, largaram-lhe:

— Tu, com essa cara! Ora, se mudasses de ideias!

Se mudasse de ideias, porquê? — pensámos nós.

Aqui há anos — era no tempo do mudo — o acaso trouxe até nossas mãos um filme nacional, produzido e realizado numa província do Norte, e que nos coube em sorte montar e legendar. Os «artistas», gente humilde, cumpriam conforme podiam, claro está, mas não nos esquece que uma das personagens — um «detective» — era interpretado, por forma superior, por um rapaz de inegáveis qualidades histriónicas e que, lá na «terrinha», exercia uma profissão modesta.

São os factos que falam por nós. Quem não tiver dotes físicos pode tentar a carreira dramática — desde que lhe sobrem qualidades.

O caso daquele rapazito a quem os amigos disseram: «Tu, com essa cara! Ora, se mudasses de ideias!» fez-nos cismar. Tanto assim que resolvemos contar hoje, a quem o ignore, o caso de Monvel.

* * *

Monvel! — nome desconhecido da maioria dos cinéfilos — foi um actor francês, muito célebre, do século XVIII. Pormenor a fixar: na sua infância, recebeu cuidada educação literária. Servido pela cultura que lhe apurou o gôsto e lhe abriu os olhos para o segrêdo das artes, Jacques Boutet de Monvel resolveu aparecer no tablado. A sua estreia causou não só frieza mas também desdém.

Em primeiro lugar, Monvel não tinha ainda prática de representar. Em segundo lugar, era feio, pequeno, «duma magresa que fazia dó» — dizia um seu biógrafo — sem fôrça, sem voz e ainda por cima com esta última nasalada, inarticulada, sem timbre. «É um amante a quem dá vontade de oferecer de comer» — escrevia Grimm. E acrescentava que «devia ser afastado do teatro».

A platéia da «Comédie Française» mostrou-se desfavorável ao comediante e não o aplaudiu durante algum tempo. Mas pouco a pouco, o público sentiu-se atraído por êsse homenzito desajeitado e feio. Sim, Monvel tinha personalidade. Os seus processos eram novos e êle supria, com o talento que despontava, a sua infelicidade de desherdado da beleza.

O sofrimento moral do actor foi, todavia — segundo se sabe — a razão da sua glória.

Para não alongarmos a dissertação sôbre Monvel, cuja bibliografia forma volumes, concluímos com esta frase de Grimm: «...e eu vi êste actor ter a audácia de tudo interpretar, recebendo sempre os mais frenéticos aplausos».

Leram?

O caso de Monvel deve servir de exemplo e de estímulo para aqueles que ambicionam ser actores. Ninguém desanime: pode-se ser actor sem possuir beleza física!

Como diz Maria Gil: «Uma só beleza devem exigir os cinéfilos: a beleza da Arte, que se impõe sempre, vestida de qualquer forma».

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Dois filmes estão na forja. Jorge Brum do Canto trabalha já no estúdio, dando forma a «Lobos da Serra», e Leitão de Barros partirá em breve para a Póvoa, onde dirigirá o seu novo filme, cujo título ainda não está escolhido definitivamente. Êle hesita entre «Ala Arriba!» e «Litoral». Mas isto não é o objectivo da presente crónica. Escrevemos estas linhas para salientar o facto de qualquer daqueles realizadores serem orientados, neste momento, por um pensamento comum.

Assim é, na verdade. Tanto Jorge Brum do Canto como Leitão de Barros pretendem enveredar por «outro caminho». Querem dar «expressão diferente» ao cinema português, fazendo obras que fujam do disparate comercial e se aproximem da sugestão de beleza e da emotividade artística.

Não se interpretem, porém, estas palavras como se a disposição deles fôsse fazer um cinema apenas para artistas e intelectuais. Não. As suas novas películas, pretendendo conquistar outras zonas de público, não deixam de se dirigir às grandes massas, mas sem processos estupidamente comerciais como se se tratasse de cinema-mercadoria.

Sôbre êste assunto, temos de há muito uma opinião formada, uma opinião muito nossa. Paul Morand teve um dia a coragem de afirmar que o nosso século está sob o alto comando do cinema e, de facto, o autor de «New York» lançou uma verdade capaz de resistir ao tempo e a todos os comentários. À sombra dessa afirmação fizeram-se outras. E criou-se a lenda de que os olhos dos espectadores, dessa massa anónima que enche as salas escuras dos cinemas, de tão acostumados que estão aos filmes-negócio, de êxito rendoso e infalível, se alarmava de espanto e de cólera quando via no «écran» películas em que o realizador se preocupava mais com o expressionismo renovador do que pròpriamente com os interêsses comerciais ou com o sentimentalismo das plateias. Todavia, temos para nós, que êsse natural desdém não é um obstáculo invencível, não é um defeito sem remédio. O público não é o que muita gente julga. Sabe às vezes o que quere — e quere, quási sempre, qualquer coisa que o interesse.

Há quem o condene quando se diverte à farta com uma comédia maluca, voltando as costas aos dramas e às tragédias, aos filmes de estudo de paixões, da psicologia humana ou dos problemas sociais da nossa época. A verdade, no entanto, é que nós próprios quantas vezes achamos essas obras aborrecidas e detestáveis, mau grado tenhamos de reconhecer-lhes qualidades técnicas e artísticas superiores.

Acima de tudo um filme tem de se impor como espectáculo — seja destinado a élites ou à grande massa. E para isso é preciso que se passe «qualquer coisa». E êsse «qualquer coisa» é acção — fôrça que exerce um predomínio evidente no espírito dos espectadores.

Dizer-se que o grande público não entende certos filmes é um êrro. Se assim fôsse não se teria emocionado com o dramatismo do «Monte dos Vendavais» nem com o sentimentalismo de «Rebecca»...

Façam Leitão de Barros e Jorge Brum do Canto filmes em que haja «história» e em que a realização, mesmo sem proezas técnicas, dê vida à descrição, tornando-a vibrante, equilibrada e seqüente. Façam filmes em que a realização sirva um assunto, desenvolvendo-o fàcilmente, com uma clareza, com uma unidade, uma precisão, uma perícia, que encadeie os factos numa derivação lógica, dando-lhe aparência sincera e expontânea. Façam isto e podem ter a certeza que deram a melhor expressão ao nosso cinema — porque é a expressão de todo o verdadeiro cinema.

AUGUSTO FRAGA

De Corista a Grande Actriz



Quando Ginger (×) se perdia na fila interminável das coristas, ninguém supunha que havia de ganhar o «Óscar» destinado à melhor actriz de 1940

O casamento de Lela E. Owens com Eddins Mac Math, que todos supunham, em Independance, fôsse um verdadeiro romance de amor, a que não faltava nem a origem modesta da noiva, nem a oposição cerrada da família do noivo, que não via com bons olhos tal ligação, não foi feliz. A breve trecho, as discussões e as incompatibilidades começaram a reinar entre o casal. E o lar dos Mac Math passou a ser o motivo da conversa e da coscuvilhice das senhoras comadres de Independance.

Nem o nascimento dum bébé adorável, a 16 de Janeiro do ano de graça de 1911, logrou pôr termo ao mau viver daquele casal desunido, e trazer a concórdia e o amor ao seio dos Mac Math.

O que tinha de dar-se não levou muito tempo a realizar-se — Lela e Eddins separaram-se. E a pequena Virginia Katherine, já com dois anos, passou a viver com a mãe, que se viu forçada, de novo, a leccionar num pequeno colégio particular, os rapazes e as raparigas de Independance, cidadezinha de Missouri, intimamente ligada à história da América, pois foi lá que os mormons antes de terem fundado Salt Lake City se estabeleceram quando se viram acossados de Nova York.

A mãe de Ginger escreve argumentos para os filmes de Mary Osborne

Por essa altura há uns bons vinte e dois anos um grande nome brilhava na constelação cinematográfica de Califórnia, uma grande pequena vedeta gosava duma popularidade universal — Mary Osborne, a Shirley Temple do seu tempo, que o realizador Henry King descobrira e lançara.

Era Lela Owens, quem escrevia os argumentos dos filmes da companheira inseparável do pretinho África. «A Lenda do Dragão» e «Raiozinho de Sol», que os cinéfilos de há duas décadas aplaudiram no Olímpia e no Condes, tinham sido escritos pela mãe de Ginger. Por isso, as suas condições de vida melhoraram considerávelmente, ao mesmo tempo que uma amizade maternal unia agora Lela e a pequena Mary, sentimento que os anos não conseguiram abrandar, pois Mary Osborne, quando a glória fugiu, encontrou nas Rogers, um lar amigo e acolhedor. E hoje é além duma amiga das mais chegadas de Ginger, a sua dedicada e paciente «stand-in».

O Charleston decide da carreira de Ginger

É em Dallas, no Texas, o estado americano das mais lindas mulheres, que vivem agora Ginger Rogers e a mãe. Ginger está já uma mulherzinha com os seus 14 anos desenvoltos e formosos.

A mãe tenta pela segunda vez o matrimónio e casa-se com John Rogers, um comerciante bem instalado da região. Porém, não fôra ainda desta vez que acertara. O divórcio impõe-se. Mas ficam amigos.

Estamos em 1925. Por essa altura uma verdadeira epidemia devasta, de lés a lés, os Estados Unidos — o «charleston»!

A nova dança triunfa em todo o continente americano, e alastra pela Europa. A Universal chega a fazer um filme que ensina a mocidade do mundo inteiro a dançar o «charleston». Lisboa, em seis lições, apreende-o também no écran do Central.

A pequena Virginia Katherine, que alguns anos depois usará o nome de Ginger Rogers, é atacada também. E ganha gloriosamente, entre 125 finalistas, o campeonato do Texas, que o Barker Hotel, de Dallas, em boa hora organizara, e com êle um contrato para se exibir, como dançarina fenómeno, nos teatros de variedades da América. Sua mãe, acompanha-a sempre, incansàvelmente, e mostra-se uma zelosa e atilada empresária.

Broadway, como não podia deixar de ser, atrai Ginger como uma borboleta se sente atraída por um raio de luz.

Aparece na parte de variedades da Paramount e em 1929 entra, resolutamente, na comédia, com a vontade firme de vencer.

As suas aspirações têm competa satisfação, pois um ano mais tarde Ginger torna-se no ídolo da celebrada Rua 42, o empório americano do espectáculo. Broadway, rende-se a seus pés. «Top Speed» foi o seu primeiro grande êxito, e a peça que se lhe segue, «Girl Crazy», mantem-se um ano consecutivo no cartaz do Alvin Theatre. Foi aí que certa noite lhe apresentaram dois artistas que triunfavam, como ela — Fred Astaire e sua irmã Adele, vedetas máximas de «Lady Be Good», e do teatro musical da época. Como estariam ambos longe de supor o êxito comum que alguns anos mais tarde os esperaria!

Finalmente, Hollywood!

O eco do êxito de Nova York chegara à costa do Pacífico.

Charles Rogers, dirigente da Pathé, convidava-a, acenando-lhe com um contrato que seria criminoso despresar. E a 4 de Julho de 1931 — data memorável — Ginger Rogers, pisava, numa manhã radiosa e depois de 3.600 milhas de viagem, a gare soalheira de Los Angeles. Não a esperavam nem fotógrafos, nem flores. Isso não a desiludiu nem a assustou.

«Tip Hoff», com Eddie Quillan, «Suicide Fleet» e «Carnival Boat», ambos com William Boyd, são três filmes dêsse contrato.

Um acontecimento veio, porém, ensombrar a existência das duas Rogers — a mãe e a filha. A Pathé daqueles negócios de mágica, complicados e imprevistos, que Hollywood e Wall Street por vezes acordam, fôra adquirida pelo RKO, que acabava de se fundar. E em conseqüência dessa mudança, o quadro do pessoal sofrera remodelação e o contrato de Ginger não fôra renovado.



Uma dança criada por Fred Astaire, a celebérrima «Carioca», abriu a Ginger as portas da fama. A gravura mostra-os numa outra dança, do filme «Vamos dançar»



PAULETTE GODDARD

Considerada «a figura mais perfeita do cinema», a mulher de Charlie Chaplin apaixona o mundo inteiro



FRED ASTAIRE

O bailarino inimitável, que a Paramount vai apresentar com Paulette Goddard, no filme «Second Chorus»





Filmai os vossos filhos!

Vossos filhos crescem, mudam... Com que cuidados e carinho acompanhais o desenvolvimento dos vossos adorados "pequenos". Quantos não desejariam se conservassem sempre pequeninos, nas suas travessuras...

Com **Ciné Kodak Oito** revivereis os dias felizes de vossos filhos. Podereis mostrar-lhes, mais tarde, como eram quando meninos. Será possivel dar-lhes prazer maior? Haverá lembrança mais grata ao coração de Mãe?

Decida já. Filmar com Ciné Kodak Oito não é caro nem dificil. Cada cêna não custa mais do que uma vulgar fotografia. Peça uma demonstração sem compromisso



CINÉ-KODAK' 8

KODAK L.da - R. GARRETT 33 - LISBOA

A CARREIRA FULGURANTE DE GINGER ROGERS

A história de Ginger dá a tôda a gente uma admirável lição de perseverança



Ginger foi a companheira insubstituível de Fred Astaire na sua série de filmes dançados

Seis meses de luta e de dificuldades a que a emprêsa dos irmãos Warner pôs termo em boa hora.

Um pequeno papel num filme célebre bastou para a trazer dum quási anonimato à popularidade fulgurante. O filme foi a «Rua 42» e a sua silhueta ficou na memória de tôda a gente: «culotte» preta, suspensórios às riscas, blusa branca, lacinho atrevido e um monóculo petulante. E uma autêntica personalidade!

Carioca, a dança Talisman

Mas foi ao realizador Louis Brooks e ao seu filme «Voando para o Rio de Janeiro», que Ginger Rogers, tal como Fred Astaire, ficou devendo a sua futura glória.

«Carioca» foi o verdadeiro «abre-te Sézamo» da sua emocionante, extraordinária, excepcional carreira, que agora teve a mais definitiva e justa consagração na decisão da Academia Americana que gloriosamente, lhe concedeu a famosa estatueta de oiro, o seu supremo galardão, a mais alta distinção a que um artista de cinema pode aspirar.

JAIME DE CASTRO

A fase «Corista»

Na primeira fila, a quarta a contar da esquerda... (mudança de marcação). Agora é a terceira da fila de trás, a partir da direita... (nova marcação). Que sorte! Lá vem ela à frente!...

....

Para o público, uma «girl», perfeitamente igual a outra «girl»: boneca linda com corda, que nem sequer diz *papá* ou *mamã*.

Um-dois, um-dois, e a rapariga-sem-nome levanta e baixa a perna com tal convencimento que dir-se-ia compreender em tôda a latitude o seu «enorme» papel, o segrêdo da sua missão: nada menos que interpretar o movimento da máquina, traduzir enfim o ritmo moderno.

(E, no entanto, sem a «girl» o que seria dos feéricos espectáculos que vivem apenas para recreio dos olhos?)

....

Antes de bater à *Porta das Estrêlas*, quando ainda andava perdida na Via Láctea de Hollywood, a Ginger, a adorável Ginger Rogers foi «girl».

Havia, porém, uma artista dentro daquele corpo gentil que se meneava no interminável um-dois, um-dois, que afinal teria sido para ela um proveitoso *solfejo*.

Não nos opomos a lisonjear os dirigentes do Cinema americano e, assim, podemos atribuir à perspicácia dêstes o facto da Ginger ter «desmanchado o conjunto», mas inclinamo-nos mais para a hipótese de ser ela quem desalinhou, quem deu um passo em frente — o primeiro na sua carreira excepcional.

E, um belo dia, a futura estrêla partiu à conquista do mundo... armada dum monóculo (naturalmente nem vidro tinha).

Mas a rapariga logo percebeu que, se em terra de cegos quem tem ôlho é rei, num friso de «girls» uma «girl» com monóculo passou a ser outra coisa. E era precisamente isso que ela queria, com uma fé capaz de remover montanhas quanto mais o mundo que é tão pequenino: ser outra coisa diferente do que até então.

Momento decisivo! A petulante corista do monóculo que vimos em *A Rua 42* chamou sôbre si a atenção geral. Ainda não nascera uma estrêla. Mas «girl» também já não era.

E veio a *Orgia Doirada* e *20 Milhões de Namorados*, onde a nossa Ginger começava a crescer, a criar a necessidade de lhe darem no cartaz um nome, que o público ia soletrando a mêdo, a tropeçar nas sílabas...

Mas não via nela a parceira ideal para o Fred Astaire, não adivinhava que seria alguma vez capaz de fazer sorrir ou comover tanto.

Só a Ginger acreditava em si própria.

E, estamos certos, não precisou que uns senhores respeitáveis se sentassem à roda da mesa e proclamassem que era verdade, que Ginger tinha talento — para se convencer que é realmente uma artista dos pés... à cabeça.

A. DE CARVALHO NUNES

A fase «Bailarina»

Vi, pela primeira vez, Ginger Rogers em «Voando para o Rio de Janeiro» e lembro-me muito bem de ter dito, perante a indignação dos que me ouviam, que estava ali uma grande actriz. Muitos riram-se do dito e eu próprio tive receio de me ter precipitado, porque isto de ser Nostradamus, ainda que apenas a seis anos de vista, não é das coisas mais agradáveis, sobretudo quando poucos, muito poucos mesmo, são os indícios que nos levam a proclamar a profecia. Para minha salvação, Ginger Rogers, um ano depois, confirmou a arrojada opinião com a interferência que teve em «Roberta». De então, para cá, a curva da sua carreira de actriz tem sido uma linha recta, direitinha ao mais alto ponto do firmamento de Hollywood, onde a esperava, por uma razão de justiça, o supremo galardão que as estrêlas da tela ambicionam: o primeiro prémio de interpretação da Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas.

* * *

Ainda hoje sustento que Ginger Rogers não foi talhada para bailarina. E, todavia, fui um dos grandes admiradores da inesquecível parceira de Fred Astaire. «Ginger Rogers, bailarina» nunca mais saí do meu coração, porque «Ginger Rogers, bailarina» é mais um caso sentimental que outra coisa. Quem uma vez a viu, jámais a esquecerá.

Teria sido ela a parceira ideal do inegualável Fred Astaire? Repugna-me responder *não*, embora deva reconhecer que Ginger, a bem dizer, nunca foi uma grande bailarina. Mas, também posso responder *sim*, porque o conjunto «Ginger-Astaire» é dos mais harmoniosos e belos que temos visto. Nunca os nossos olhos admiraram uma coisa assim!...

Se quisermos pôr os pontos nos ii, então diremos: Ginger, embora não tenha sido grande bailarina, foi a melhor parceira do maior bailarino.

Porquê?

Porque Ginger — uma das raparigas mais inteligentes de que há memória — assimilava, com extraordinária facilidade, as explicações de Fred Astaire, integrando-se, como ninguém mais, na intenção de cada um dos bailados e cada um dos passos do famoso astro da coreografia. Ginger foi a colaboradora mais inteligente de Fred, assim como Eleanor Powell foi a mais capaz.





Que diferença, entre a rapariga elegante de «Mãizinha à Fôrça» e a pobre Ellie de «Sombras da Rua», em que Ginger contracenou com Joel Mac Crea...

(Conclusão da página anterior)

«Ginger Rogers passara a personificar a *american girl*, a rapariga americana «média» (o leitor desculpará que esteja a citar-me). Os filmes são diferentes mas a figura que incarna é sempre a mesma — de tal forma que vemos nêles como que episódios sucessivos de uma só vida, de uma única rapariga loira, chamada Ginger, apetitosa e fresca, sensata mas maliciosa, esperta como um coral e saüdável como uma flôr agreste, que usa vários pseudónimos e luta pela vida com alegria e coragem, agora como corista, logo como caixeira de um grande armazém, sempre com o mesmo desembaraço e o mesmo bom-senso. E Ginger soube presonificar tão bem a rapariga americana que as raparigas americanas adoptaram-na logo como modêlo — e hoje há nos Estados Unidos uma verdadeira multidão de Gingers Rogers».

A rapariga americana da classe média (reparem que Ginger nos seus filmes nunca saíu dessa classe), não tal como ela será, duma maneira geral (leia-se o livro de Riley Cooper sôbre a juventude *yankee*...), mas tal como se desejaria que fôsse: eis o tipo social que Ginger incarnou nessa fase da sua carreira — fase que, creio bem, não está ainda terminada.

Penso até, levado pelo que observo à minha volta, que Ginger foi mais longe (e êste «foi» não envolve determinação, voluntariedade): Ginger acabou por personificar a rapariga «ideal» dos nossos dias — uma rapariga simples e corajosa, com tranqüilizadora nitidez moral e física, com bom coração, com sentido prático da vida e com firme senso-comum, uma rapariga que ignora as complicações transcendentes, que ataca e se defende com optimismo, com petulância (com a petulância peculiar à gente nova de agora), e sem nunca duvidar de si — e principalmente uma rapariga que sente alegria de viver, a mais saüdável, a mais franca, a mais cândida alegria — aquela alegria que Fernanda de Castro cantou com contagiosa alegria:

Alegria sem causa, alegria ani-
[mal,
que nenhum mal
pode vencer...
Doido prazer
de respirar!
Volúpia de encontrar
a terra honesta sob os pés des-
[calços...
Prazer de abandonar os gestos
[falsos,
prazer de regressar,
de respirar
honestamente e sem caprichos
como as ervas e os bichos...

DOMINGOS MASCARENHAS

A fase «grande actriz»

Cabe-nos fechar a roda, nesta farândola em tôrno do caso mais extraordinário da arte dramática contemporânea.

Depois de «Mãizinha à Fôrça», Ginger procura escolher o género e o tipo de personalidade que mais lhe convenham. Há uma leve hesitação ansiosa, que traduz o desejo de ir mais além, na sua carreira fulgurante. Os produtores tentam auxiliar a actriz. Vem primeiro o «Bailado da Saüdade», em que Ginger volta a dançar. Depois, «Sombras da Rua», em que ela cria a figura duma rapariga dum bairro pobre de S. Francisco. Mas a artista não se fixou ainda. Procura, procura ainda, procura sempre. «Sorte Grande» dá-lhe oportunidade para viver uma história frívola, espirituosa, amável, onde perpassa o sôpro de Sacha Guitry. É outra modalidade, é outra tentativa que Ginger realizou com êxito invulgar.

Passada a época de hesitação, ela parece ter-se fixado em personagens humanas, feitas de carne e sofrendo como qualquer mortal.

À nova fase, à fase «grande actriz» pertence, como um marco miliário, um filme que o leitor ainda não viu mas que não pode de forma alguma, deixar de ver. Refiro-me a «Kitty Foyle», que em português se chama «Kitty, a rapariga da gola branca» (título definitivo).

Adivinha-se que o tema foi escolhido pela própria Ginger, que hoje já tem categoria para impôr a sua opinião dentro do estúdio para que trabalha em exclusivo.

O filme tem categoria, tem mesmo grande categoria. É curiosa a forma como a história está contada, curiosa a cena inicial em que Ginger Rogers dialoga com o seu sub-consciente, curiosas muitas e muitas cenas que provocam o riso, e curioso ainda o modo como estão tratados os episódios dramáticos ou sentimentais, em que a actriz nos introduz na situação, sem nos fazer vibrar dolorosamente, mas obrigando-nos a respeitar e a avaliar a Dôr da personagem. Êste doseamento, esta decisão de mostrar ao público o sofrimento próprio, mas sem querer que a plateia comungue nesse sofrimento — só uma grande, uma excepcional artista sabe conseguir.

Geralmente, cria-se emoção para que o espectador se perca nesse vértice e sofra, e siga quási de rastos as personagens em transe. Ginger Rogers procura, discretamente, humanamente, em «Kitty, a rapariga da gola branca», mostrar o seu drama mas sem forçar a plateia a misturar-se nele, sofrendo com a personagem.

E que humana e deliciosa é esta Kitty, cuja história de amor impressionou a América!

As raparigas da gola branca dêsse país maravilhoso devem estar gratas a Ginger Rogers por ter vivido na tela uma síntese das suas aspirações e das suas desilusões.

E se o público, ao ver o último filme de Ginger, não a aplaudir calorosamente, não sei que pense — do público, porque da intérprete sei: sei que é uma Actriz, uma grande actriz, daquelas que hão-de ficar com enorme projecção na história do cinema. De facto, até hoje, nunca o cinema conheceu alguém tão persistente. Ginger será inesquecível.

Isto profetizo eu, porque vejo que a carreira da ARTISTA principia agora. E, enquanto Greta Garbo se mantém no mesmo nível e Katherine Hepburn desce um pequenino degrau, Ginger — a rapariga do monóculo — continua numa ascensão triunfal e esplendorosa.

Ginger Rogers!

Que grande exemplo de tenacidade e que formosa lição de quanto pode a vontade humana!

MOTA DA COSTA



Em «Sorte Grande» vimos Ginger Rogers competir com um dos melhores actores do Cinema, Ronald Colman — e não ficar a perder...

A FEIRA DAS FITAS

«TORMENTA A BORDO»

(The Long Voyage Home)

Houve quem classificasse «Tormenta a bordo» como «filme de guerra», como filme de propaganda (de propaganda disto, daquilo e daqueloutro — as opiniões variam...), como filme não-sei-de-que-mais. Em nossa humilde opinião não é nada disso — se V. Ex.ªs srs. classificadores, dão licença! «Tormenta a bordo» é, pelo contrário, um dos raros filmes que foge completamente aos rótulos habituais. Mais do que a sua qualidade formal, absolutamente invulgar, é essa a característica, quanto a mim, que mais o distingue da restante produção cinematográfica.

Trata-se de uma reportagem sôbre a tripulação de um barco de carga — da reportagem mais objectiva, mais glacial, menos romântica que possa imaginar-se. O cargueiro é inglês, mas podia ser jugoslavo; transporta munições para Inglaterra, mas podia levá-las para o Paraguai — os efeitos colhidos seriam os mesmos. Da obra não deriva a menor simpatia: nem por esta ou aquela causa, nem pelo mar (que desempenha o papel da personagem-contraponto), nem por coisa nenhuma — a não ser pelos tripulantes. E a simpatia manifestada por estes não deriva do facto de serem suecos, irlandeses ou ingleses — mas apenas por serem *homens*.

The Long Voyage Home é talvez o filme menos romântico de todo o cinema, porque nem sequer cai no «romantismo do realismo», de que o já esquecido «Assim é a vida!», de Karl Junghans, é o padrão mais acabado. Não há sombra de romantismo em todo o filme — nem sequer em relação aos sentimentos patrióticos do próprio comandante do navio, e apesar da acção estar situada nos torvelinhos da actualidade. Há sim aquêle *naturalismo poético* que António Lopes Ribeiro descobriu em John Ford, e uma deliberada, teimosa ausência de composição — habitual em Ford, mas que, de certo, nunca se fizera notar em tão elevado grau.

O argumento, da autoria do colaborador habitual de Ford, Dudley Nichols, mas inspirado numa peça de Eugène O'Neil, distingue-se pela objectividade já assinalada, por uma constante verdade humana e por uma agudeza de observação que se torna patente em especial no episódio do falso espião. A planificação do argumento, como aliás todos os outros naipes da encenação, pertence à categoria «acima da primeira», quanto ao aspecto formal. Gregg Toland, com a sua câmara priveligiada, deu ao filme uma unidade fotográfica obtida por um compromisso de efeitos entre os da água-forte e os da gravura em madeira. James Baseri e Julia Heron, nas decorações, e o departamento dos «efeitos especiais» (da trucagem, em gíria vulgar) contribuíram poderosamente para a muito alta qualidade da obra. O mesmo se pode dizer da interpretação, em que há que distinguir o admirável Thomas Mitchell (Driscoll), John Wayne (Ollie), Barry Fitzgerald (o dispenseiro) e Wilfrid Lawson, o actor que fazia o pai de Elisa Doolittle em «Pigmaleão», que se faz notar no papel de comandante do barco. Tôda esta gente — técnicos e artistas —, dirigida pela vigorosa personalidade de John Ford e orientada pela sua competência, pelo seu temperamento de artista e pelo seu sentido cinematográfico, produziu um filme absolutamente excepcional, debaixo de todos os aspectos por que se considere, um filme que trouxe à antologia do Cinema — como Joseph Conrad à antologia literária — a ignorada, oculta aventura dêsses homens do mar, simultâneamente sórdida e épica, com o mesmo verismo desataviado, a mesma realidade pujante e o mesmo poder e brilho descritivo que se encontram nas páginas magníficas de «Juventude», de «Tufão», ou de «O Negro do Narciso». — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«CORAÇÃO DUM TROVADOR» (Fox-Filmes)
- O excepcional nível de bom-gôsto da produção que é de DARRYL ZANUCK.
- A fotografia de BERT GLENNON.
- A direção da côr de NATHALIE KALMUS.
- A direcção artística de RICHARD DAY e JOSEPH WRIGHT.
- Os cenários de THOMAS LITTLE.
- O guarda-roupa de ROYER.

«SERÁS UM HOMEM!» (Rádio Filmes)
- A interpretação de JIMMY LYDON (Tom Brown), pela sua inteligência e sensibilidade.
- A adaptação cinematográfica e a planificação de WALTER FERRIS & FRANK CAVETT e GENE TOWNE & GRAHAM BAKER, segundo o livro de THOMAS HUGHES.
- A realização de ROBERT STEVENSON, pela sua variedade e segurança.

«TORMENTA A BORDO» (Sonoro Filme)
- O carácter de reportagem objectiva de todo o filme, que o coloca àparte na produção cinematográfica.
- A realização de JOHN FORD.
- A fotografia de GREGG TOLAND.
- O conjunto da interpretação.

«SERÁS UM HOMEM!»

(Tom Brown's School Days)

As primeiras imagens do filme de Robert Stevenson, baseado num livro de Thomas Hughes em que se foca a reforma introduzida nos métodos educativos de Inglaterra pelo dr. Thomas Arnold, fizeram-nos supor que estávamos diante duma réplica parasitária do célebre «Adeus, Mister Chips!» Mas não tardou que compreendêssemos a injustiça da nossa suposição.

O ponto de vista do autor do livro e dos adaptadores ao Cinema é completamente diferente: James Hilton, o criador de «Mister Chips», personagem fictícia, olha o problema do lado do mestre; Thomas Hughes, evocador da figura histórica de Thomas Arnold, reitor da escola de Rugby de 1828 a 1840, encara o assunto do lado dos alunos. Isto faz com que a acção dêste filme seja muito mais animada que a daquele. E como não lhe faltam as qualidades técnicas, «Serás um homem!» resulta ser um filme excelente, em que um espectáculo agradabilíssimo se conjuga com a mais elevada lição moral.

Recomendamos vivamente «Serás um homem!» a todos os pais e professores. Devem levar os seus filhos e os seus discípulos a ver êste soberbo exemplo do que o Cinema pode fazer como veículo de idéias benfazejas.

O doseamento da alegria e do sentimento pode considerar-se perfeito. A interpretação, magnífica, reúne o nome de sir Cedric Hardwicke, na figura de Thomas Arnold, ao duma série de jovens actores, dessa camada incrível de artistas adolescentes que os Estados Unidos da América do Norte parece que produzem em série, como os automóveis.

Dois dêles eram já nossos conhecidos: Freddie Bartholomew, que deixou de ser, decididamente, o «menino Calixto» que tantas vezes nos contendeu com os nervos, e Billy Halop, impressionante tiranete académico, oriundo do grupo inesquecível de «Dead End» (Ruas de Nova-Iorque). O terceiro — e, de longe, o melhor — era desconhecido para nós, e constituíu uma autêntica revelação: Jimmy Lydon, prodígio de sensibilidade e intuição. Jimmy está para os restantes actores-miúdos como Henry Fonda para os demais actores-crescidos. É isso: se Mickey Rooney é uma espécie de Wallace Beery de menos de vinte anos, e Freddie Bartholomew um Robert Taylor cheirando a cueiros, Jimmy Lydon é o Fonda da miudagem! E quem conheça a nossa admiração pelo grande Henry Fonda ficará sabendo quanto admiramos Jimmy Lydon. — A. I. R.

«OS MÉDICOS TAMBÉM CASAM»

(The Doctor takes a Wife)

A versatilidade de Loretta Young (que por sinal nos parece excessivamente magra) é a coisa que mais nos espanta neste filme. Sempre a vimos, nas suas películas anteriores, afeiçoada a papéis dramáticos, heroína de Borzage e de Cecil B. de Mille, desde o «Paraíso de um homem» a «Ramona». E eis que Loretta Young nos surge galante, feiticeira, cheia de brejeirice, numa comédia que é uma sucessão contínua de gargalhadas e sorrisos, comédia puramente americana e bem conduzida, com muito movimento e muito imprevisto. É certo que já tínhamos visto despontar os seus dotes de comediante em certo filme ao lado de Tyrone Power, mas nunca como aqui, em que Loretta revela nitidamente uma fase nova do seu talento.

Loretta Young é uma voluntariosa escritora que recusa aceitar o casamento. Não acredita na felicidade do matrimónio, mas termina por cair apaixonada pelo próprio médico. Êste assunto conquanto já explorado resulta nas mãos de Alexander Hall (o mesmo que fez «Minha mulher é maluca») um espectáculo em cheio, de gargalhada, uma comédia verdadeiramente divertida, de bom humor espontâneo, resultante em parte da mistura do disparatado com o lógico, da leveza do tratamento cinematográfico e das altas qualidades artísticas dos seus intérpretes.

Maluca, sem dúvida, esta comédia encerra ainda aspectos de sátira, pormenores e intenções inteligentes (recorde-se, por exemplo, durante a conversa da cabina telefónica o homem que repete o número de que não quere esquecer-se) ao lado de cenas amáveis, singelas, situações novas e de grande resultado como as que se passam na casa de campo onde o médico vai no cumprimento do seu dever profissional.

Já dissemos que Loretta Young tem um grande papel neste filme. Dela só queremos acrescentar que ficamos à espera, ansiosamente, o seu filme «He stayed for breakfast», película que nos dizem vir nas águas de «Ninotchka», género rabo de papel que o cinema americano prega muito hàbilmente nas blusas pardas dos «camaradas» de Moscovo.—A. F.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

MIRIAN HOPKINS reaparece no novo filme que RONALD COLMAN vai interpretar para a RKO

Entre as autênticas realidades do Cinema americano, no campo dos artistas, conta-se, a-par-de meia dúzia de outros nomes, a figura de Ronald Colman.

No entanto, um pouco inexplicàvelmente, o seu nome não aparece com a freqüência que o seu real talento deveria obrigar. Exigências do actor? Incompreensão dos produtores? O que é certo é que os seus trabalhos na tela rareiam.

Assim é que dentro dum lapso de tempo relativamente longo, o intérprete notável de «Horizontes Perdidos», do «Prisioneiro de Zenda» e de «Sob Duas Bandeiras», apareceu em dois filmes apenas: «The Light that Failed», da Paramount, extraído da obra de Kipling e «Sorte Grande» da RKO-Radio, em que o vimos, há pouco, ao lado da maravilhosa Ginger.

Para esta mesma emprêsa, agora, vai Ronald Colman intepretar novo filme que se intitula *My Life With Caroline*, que Lewis Milestone, o consagrado encenador dirigirá. A *Caroline* de que o título fala, vai ser interpretada por Miriam Hopkins, que depois de uma ausência de cêrca de três anos — durante os quais trabalhou no «lot» da Warner — volta de novo à RKO-Radio.

Estamos certos de que o regresso de Miriam Hopkins, espôsa do conhecido realizador Anatol Likvak, vai causar sensação, a julgar pela espectativa que se verifica em terras da América do Norte. E o facto dela aparecer ao lado de Ronald Colman, artista tanto do agrado das nossas platéias, maior interêsse despertará, a julgar pela aceitação que êste actor teve entre nós quando apareceu o seu filme «Sorte Grande».

«My life with Caroline» anuncia-se como uma comédia própria para agradar às platéias.

SERGEANT YORK é o título do novo filme de GARY COOPER

Cedido por Samuel Goldwyn, que guarda ciosa e preciosamente o contrato do protagonista da «8.ª Mulher do Barba Azul» vai já para uma meia dúzia de anos, vai Gary Cooper ser o protagonista, para o produtor Jesse L. Lasky, agora fazendo parte do grupo de produtores de Warner Bros, do filme *Sergeant York*, que o realizador Howard Hawks dirigirá.

Ao lado de Gary aparecem também Joan Leslie, um novo nome no Cinema de quem se fala o melhor possível em Hollywood, Walter Brennan, um premiado da Academia Americana, Margaret Wicherly, o pequeno Dickie Moore, Ward Bond e Noah Beery Jr. Sol Polito, o notável operador asiático, é o fotógrafo.

SONJA HENIE volta a patinar na tela em «SUN VALLEY»

Sonja Henie, a grande patinadora norueguesa que o Cinema americano tornou numa das mais populares vedetas da t la, tem andado um pouco arredia dos estúdios, ocupada como tem estado com os seus prodigiosos Espectáculos do Gêlo, com que tem percorrido todo o continente americano. Dêles tem colhido benefícios de muitos milhões, e nêles se tem demonstrado uma avisada e competentíssima empresária, de fazer inveja aos Schuberts, aos Billy Rose, aos Earl Carroll, a fina flor dos empresários da Grande América.

Alegrem-se, porém, os seus numerosos admiradores portugueses. A indestronável Raínha do Patim vai interpretar agora, para a Fox, emprêsa a que sempre tem pertencido desde a sua chegada aos Estados Unidos, o filme *Sun Valley*, que não é mais que a «versão cinematográfica» da sua última *ice show*. A seu lado aparecerá Jack Payne, um novo galã que os cinéfilos portugueses já conhecem.

BARBARA STANWICK vai interpretar uma velha de mais de 100 anos em «Pionneer Woman»

Barbara Stanwick, a feliz e simpática espôsa de Robert Taylor, interpretará no seu próximo filme para a Paramount um duplo papel. Na primeira dessas figuras de que vai ser intérprete, e com a qual o departamento de caracterização daquela companhia anda bastante ocupada, a formosíssima Stanwick aparecerá como uma velha de 105 anos!

Essa caracterização vai ser utilizada no filme *Pioneer Woman*, que seguindo as pisadas de tantos outros, focará os primeiros tempos de colonização americana. Naquele filme, de que William A. Willman é, simultâneamente, o produtor e o realizador, como está sendo hábito da Paramount, parece que com óptimos resultados, aparecem também como parceiros de Barbara Stanwick, o conhecido e correcto Joel Mac Crea êsse actor espantoso que é já Brian Donlevy que Lisboa viu ainda há pouco no proprietário do *saloon* de «Cidade Turbulenta».

O novo filme de JAMES CAGNEY e de BETTE DAVIS

Bette Davis e James Cagney, um par que à primeira vista poderá parecer não acertar, vão interpretar juntos um novo filme de Warner Bros.

Agora, evadindo-se dos seus papéis habituais — ela daquelas figuras torturadas e literárias que lhe grangearam justa fama, êle das interpretações de «bad guy» que celebrizaram o seu nome — interpretam uma comédia, onde abundam as cenas de franca gargalhada, que se intitula «The Bride Came C. O. D.».

Produzido por William Cagney, seu irmão, e dirigido por William Keighley, aquele filme de Warner Bros., que a SIF apresentará entre nós, é também interpretado por Stuart Erwin, Jack Carson, George Tobias, William Frawley e por Harry Davemport, o juiz encartado do Cinema.

Se vai ao cinema há 10 anos ou mais, inscreva-se no «Clube do Animatógrafo»

A inscrição é GRATUITA. Basta escrever um postal para a Rua do Alecrim, 65, Lisboa, indicando o NOME, a PROFISSÃO, a MORADA e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, dez anos, desde 1930

Reinhold Schunzel dirige ILONA MASSEY em «VINHO NOVO»

Ilona Massey, que neste momento triunfa, ao lado de Nelson Eddy em Balalaïka, é hoje, pelo facto da Metro Goldwyn Mayer lhe não ter renovado o seu contrato, uma artista independente, uma «free lancing».

O seu novo filme, cuja realização foi há pouco iniciada, nos estúdios de United Artists, para a Glorie Productions — emprêsa que tem à frente o dr. William Sekeley e o realizador alemão Reinhold Schunzel, há alguns anos já trabalhando na América — intitula-se *New Wine*. O próprio Schunzel é quem dirige e ao lado da vedeta húngara aparecem Binnie Barnes, Alan Curtis, Albert Bassermann, o impagável Billy Gilbert e Sterling Holloway.

FITAS NA FORJA

- *A GIRL'S BEST FRIEND IN WALL STREET, com Joan Bennett, Franchot Tone, John Hubbard, Eve Arden, William Tracy, Thurston Hall e Pierre Walkin. Realização de Richard Wallace. Fotografia de Henry Freulich. Columbia. (Aliança Filmes).*
- *ROOSTY, com Lionel Barrymore, Edward Arnold, Gene Reynolds, Veda Ann Borg, Robert Sterling, Marsha Hunt, Fay Holden, Ralph Byrd, Gloria De Haven e Emma Dunn. Dirigida por Harold S. Bucquet. Fotografia de Clyde de Vina. Metro Goldwyn Mayer.*
- *CITADEL OF CRIME, com John Wayne, Frances Dee, Edward Ellis, Alexander Granach, Harold Huber, Barnett Parker e Wallace Ford. Realização de John H. Auer. Fotografia de Jack Marta.*
- *OH CHARLIE, com Bud Abbott e Lon Costello, Richard Carlson, Evelyn Ankers, Joan Dawis, Spencer Charters, Harry Hayden e Milton Parsons. Direcção de Arthur Lubin. Fotografia de Elwood Bredel. Universal. (Filmes Alcântara).*
- *SIS HOPKINS, com Judy Canova, Bob Crosby, Charlie Butterworth, Susan Hayward, Jerry Colonna, Katherine Alexander, Charles Lane, Charles Coleman e Carol Adams. Dirigida por Joseph Stanley. Fotografia de Joseph August. Republic. (Filmes Luiz Machado).*

A

Metro-Goldwyn-Mayer

Garante

Que

Continuará

A conservar

O «record»

Da Apresentação

Dos

MAIORES

ÊXITOS

DO ANO

graças à superior categoria da sua programação sem paralelo!

— Depois de

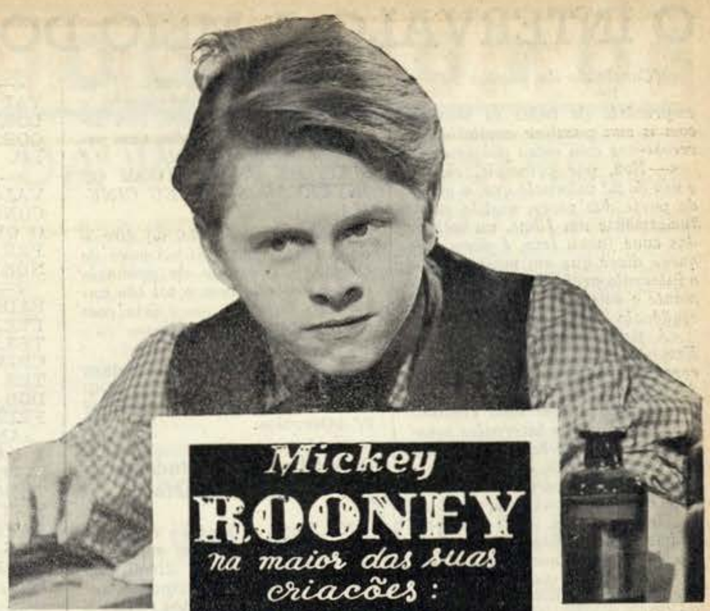
«NINOTCHKA»
«IDÍLIO MUSICAL»
«BALALAIKA»
«DE BRAÇO DADO»
«O FEITICEIRO DE OZ»
«OS TEMPOS MUDARAM»... ETC.... ETC.

— Filmes que fizeram **MAIS DE UMA SEMANA!**

Apresenta agora

«TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO»

que vai ter uma carreira brilhantíssima e excepcional na tela do «São Luiz»



Poucos homens célebres, cujos nomes ficaram na história, terão tido a infância agitada e gloriosa de Thomas A. Edison, a quem devemos, entre centenas de outros inventos prodigiosos, a descoberta da lâmpada eléctrica. ★★★ Desde muito novo, o genial improvisador se revelou o infatigável propulsor do progresso que, mais tarde, havia de deslumbrar o Mundo com os seus fantásticos inventos. ★★★ Com base na biografia excelente dêsse pequeno predestinado, a Metro-Goldwyn-Mayer resolveu produzir, nos seus estúdios de Hollywood, o filme «Young Tom Edison» — que entre nós tem o título de «Tom Edison, o Pequeno Génio» — em cujo argumento colaborou a própria família do «Mago da Luz», como, com propriedade, lhe chamaram. O papel do jovem Tom Edison foi confiado a Mickey Rooney e ninguém, decerto, o faria melhor. Norman Taurog teve a seu cargo a direcção. Também, ninguém como êle seria capaz de tratar um assunto desta natureza — ou não tivesse sido êle o realizador de «Homens de Amanhã» e de «Aventuras de Tom Sawyer».

O INTERVALO A MEIO DOS FILMES

(Conclusão da página 3)

empresário de todos os teatros, com a sua peculiar amabilidade, recebe-nos com estas palavras:

«— Sou, por princípio, contra o uso do 2.° intervalo que, a grande parte das vezes, mutila acentuadamente um filme, na melhor das suas fases. Isto, é claro, não quere dizer que em muitos casos o intervalo prejudique demasiadamente o sabor dos entrechos ou a seqüência das obras.

«À parte o lado comercial da Emprêsa que, naturalmente, se resentiria um pouco, sou, porém, de parecer que o nosso público não receberia bem essa eliminação, já porque os intervalos constituem um velho hábito, já ainda por outras razões, das quais ressalta o vício de certos fumadores, não contando uma oportunidade a menos para os inocentes «flirts» da mocidade...

«No entanto, como em primeiro lugar ponho sempre a vontade e as comodidades do público, será com o maior prazer que suprimirei o segundo intervalo dos meus Cinemas, a todo o tempo que reconheça que é essa a vontade dos freqüentadores. Está satisfeito?!...»

Em S.[to] Amaro de Oeiras acabou-se com o 2.° intervalo!

Também Francisco de Abreu, de Santo Amaro de Oeiras, nos comunica:

«Moro em Santo Amaro de Oeiras, onde há um pequeno Cinema que, a-pesar-de ser, como direi, quási aldeão, não deixa por isso de nos presentear com os melhores filmes das épocas... Pois, e agora é que é interessante, o dono dêste barracãozito, sem pedir conselhos a ninguém, nem pedir opiniões, ACABOU JÁ HÁ MAIS DE UM MÊS COM OS INTERVALOS NO SEU CINEMA...

«Acho-me, portanto, no direito de reclamar para St.° Amaro de Oeiras, o galardão da primazia de ter acabado com o tal tão antipático intervalo — e isto com o contentamento de todos».

«Zuleiko», de Aveiro, declara trabalhar *«com afinco para a supressão do maldito e intolerável 2.° intervalo»*.

Dois filmes projectados sem corte, no Pôrto

No Pôrto, a reacção contra o 2.° intervalo é nítida, conforme nos informam. No Rivoli, no Águia de Ouro e no Trindade, registaram-se já protestos contra o corte dos filmes de fundo.

O S. João Cine, por decisão do seu gerente Manuel Matos, projectou os filmes «Mulheres» e «Ninotchka» sem qualquer interrupção, o que provocou manifestações de alegria.

O S. Luiz exibe outro filme sem interrupção!

Aproveitando o facto de apresentar mais uma vez, com o êxito sabido, a excelente Orquestra Sousa Pinto, a emprêsa do São Luiz, que já exibira «A Loja da Esquina» sem intervalo, também exibe sem interrupção «Tormenta a bordo». Demonstra assim que concorda com o nosso ponto de vista, embora as circunstâncias, conforme nos disse, nem sempre lhe permitam suprimir o já célebre 2.° intervalo.

O «Diário de Coimbra» e o 2.° intervalo

O conceituado jornal «Diário de Coímbra» dedicou, em 1 do corrente, uma crónica à questão do 2.° intervalo. Ficámos muito sensibilizados e agradecidos com a referência e aplauso à nossa iniciativa, mas não percebemos bem como seja possível ainda hoje, alguém, e muito menos um jornal, mostrar receio de que «Animatógrafo» vá prejudicar interêsses aos empresários dos bufetes, visto que nós, quando expusemos o nosso propósito, declarámos, como se pode ler nos números transactos:

«— «ANIMATÓGRAFO» NÃO VAI SUPRIMIR OS INTERVALOS, MAS SIM EVITAR O CORTE DO FILME DE FUNDO.

«— O NÚMERO DE INTERVALOS MANTEM-SE POR CONSEQÜÊNCIA. (COMO? EIS O QUE ÀS EMPRÊSAS CUMPRE RESOLVER, E NÃO A NÓS.)

«— O EXIBIDOR NÃO É LESADO. O PÚBLICO NÃO FICA PREJUDICADO. OS BUFETES, OS VENDEDORES DE CIGARROS E DE CHOCOLATES E OS ANUNCIANTES DOS MOSTRUÁRIOS NÃO SOFREM COM A INNOVAÇÃO. «ANIMATÓGRAFO» INICIOU A CAMPANHA CONTRA O 2.° INTERVALO RESPEITANDO TODOS OS INTERÊSSES. ARTÍSTICOS E COMERCIAIS, FAVORECENDO OS FILMES MAS NÃO PRETENDENDO PREJUDICAR SEJA QUEM FÔR.

O «Diário de Coímbra» desvanece-nos com as suas palavras sensatas e amigas, mas não podemos deixar de lamentar que venha insistir num pormenor que se tornou cavalo de batalha de certas entidades quando «Animatógrafo», que estudou maduramente o assunto do 2.° intervalo, declarou a tempo e horas, e por forma a não deixar dúvidas:

— NÃO PREJUDICAREMOS SEJA QUEM FÔR, NEM O QUE FÔR!

A-pesar disso, até alguns exibidores, a quem os nossos redactores exouseram o problema com a clareza que ressalta das palavras publicadas no nosso número 16 (Vidè «A NOSSA CAMPANHA CONTRA O 2.° INTERVALO» — O que nos disseram os exibidores) exclamaram, como se verifica pelas suas respostas:

— Mas... e os homens dos bufetes? E os fumadores?

Que há-de «Animatógrafo» responder, se já disse o que era oportuno dizer sôbre o assunto?

O «Diário de Coímbra» — a quem mais uma vez agradecemos a gentileza das suas palavras — chega ao fim do seu comentário e diz:

«Talvez fôsse possível contemporizar. Fazer, sim, dois intervalos, mas com duração limitada obrigatòriamente». (sic)

Agora é que, com tôda a franquesa, e com perdão daquele jornal, não percebemos.

Mas agradecemos, cordialmente, a boa intenção e o cavalheirismo que ressumam das suas palavras.



Volta a agitar-se a ideia da realização dum filme inspirado na célebre peça do grande escritor francês Jules Dantas (leia: Dantáss), «Le Souper des Cardinaux». Quem a agita é o actor-realizador Arthur Dewart. Tal como fez para a sua obra anterior, «Les Gentilhommes de la Tour Mauresque», «Le Souper des Cardinaux» decorrerá na actualidade. Os personagens passam a ser quatro e mudam de nacionalidade. Indigitam-se os seguintes actores para os quatro novos papéis: Cardinal Von Gonzaga, *Patrick Alvar;* Cardinal Brown, *Al Wesdacugne;* Cardinal Smith, *Sam Denis;* Cardinal *Magrini, Therese Couple (em travesti).*

Duvida se que, atendendo à sua flagrante actualidade, a adaptação seja aprovada pela Censura.

— Espera-se para muito breve um novo milagre de N. S. de Fátima: a realização do filme em louvor da Santa Padroeira pela família Mac Cedo.

CARTAS DUM CINÉFILO

Grande director:

Muito bem! Assim é que é! Tenho acompanhado com grande interêsse a campanha do «Animatógrafo» sôbre os intervalos. Aqui vai, também, a minha autorizada opinião, firme, categórica e sem rodeios de qualquer espécie e está desde já autorizado a fazer dela o uso que quiser. Eu não tenho papas na língua, o que tenho a dizer digo logo, porque eu não dependo de ninguém e portanto falo com desassombro. Tem sido êste sempre o meu lema: dizer o que penso sem estar a pensar se agrado a Fulano ou desagrado a Beltrano.

Portanto eu acho que o Intervalo...

O caso é bicudo... sim, porque há interêsses... Eu por exemplo julgo que não deve haver intervalos, pois até quando o filme é mau dá a vantagem de acabar mais depressa. Mas também acho que deve haver intervalos para descansar a vista; não deve haver intervalos para não tirar a seqüência à fita; mas deve fazer-se intervalo para os espectadores irem visitar algumas dependências do cinema; o intervalo tem que acabar porque corta a acção do filme; mas o intervalo é preciso porque conforme o exibidor paga ao distribuidor o aluguer da fita também o homem do bufete paga ao exibidor o aluguer daquele; tem que se acabar com o intervalo porque as fitas fizeram-se para ver do princípio ao fim sem descançar, mas compreende-se que o intervalo é preciso para que o espectador venha cá para fora pensar o que irá passar-se.

Aí está a minha opinião desassombrada, e firme: eu acho que se deve acabar com o intervalo, mas também acho que êle deve continuar. No entanto como o nosso cinema já me deve alguma coisa e muito tenho feito por êle, vou dar algumas opiniões.

Não se interrompe o filme de fundo, mas como os cinemas começam às nove e meia fazia-se o intervalo desde essa hora até às dez horas, e pronto. Outra solução: isto mesmo ao contrário; fazer o intervalo no fim do espectáculo. Ainda outra solução: acabar com o cinema e passar a sala tôda a bufete.

Peço-lhe que dê a isto o relêvo que merece e verá que alguma das minhas soluções é aproveitável

Ignácio da Purificação

P. S. — *O meu pai esteve quási, quási a ir comigo a Belém, para assistir às filmagens. Mas depois apareceu-lhe um amigo e êle não foi. Ainda bem porque, se tivesse lá ido, passava a embirrar outra vez com o Cinema.*

I. da P.

A PÁGINA DOS NOVOS

O SUPREMO PODER DA IMAGEM

Eis um facto que, por si só, constitui a maior justificação do amor que o verdadeiro cinéfilo nutre pela arte cinematográfica: o poder exercido pela imagem.

O mais espirituoso e hábil contista, o mais expressivo e completo narrador, o escritor mais realista, ou o pedagogo mais competente nunca conseguiram ou conseguirão interessar completamente sem que sejam, sobretudo, criadores de imagens tanto mais valiosas, quanto o poder do seu génio criador.

A imagem é a luz que alumia o escuro corredor do desejo e ilumina intensamente o não menos escuro salão da dúvida.

Pela imagem descritiva, formamos ideias, compomos princípios, estabelecemos regras.

Por natural tendência; o homem tende a guiar as suas impressões mais pela vista do que pela influência dos outros orgãos. Daqui, a explicação do seu dito vulgar «Ver e crer como S. Tomé» e as suas dúvidas por vezes injustificadas, ante a imagem descritiva da ciência ou a imagem igualmente descritiva do facto menos vulgar.

Daqui a supremacia da imagem observada, em todos os campos da actividade humana e o valor imenso e incontestável da sétima arte.

Ante a descrição mais fiel, terrorífica e emocionante, do cataclismo que vitimou êste ou aquele povo sentimos apenas, segundo o nosso temperamento emotivo, um sentimento egoista de temor, uma leve impressão de piedade ou o convencional desejo de expressar a mesmo piedade em palavras ou gestos que nunca representam os nossos verdadeiros sentimentos, pela razão bem simples de não havermos verdadeiramente sentido.

Ante a visão do mesmo espectáculo, perpassando na tela não sentimos piedade ou temor!...

— Vivemos as angústias que viveram êsses infelizes, sentindo verdadeiramente o horror, o desânimo, a esperança e a dôr que êles sentiram.

Ao dizer «vivemos», não temo falar na generalidade.

Os que não crêem na completa supremacia da imagem observada, podem falar-me de ilusões de optica: mas, até essas mesmo são reflexos da imagem real que o cérebro fàcilmente avalia e compara, no seu exercício de «contrôle».

Curvemo-nos pois, com deferência e respeito ante o poder da imagem observada, da qual o animatógrafo é o maior e o melhor coadjutor.

MARIA GIL

A PRIMA DO MEU AMIGO

Quando ouvi o carteiro apregoar o meu nome, na escada, não fiquei muito tranquilo. Não por temer missiva de crèdor ou de elemento de fauna semelhante, mas porque, quando recebo carta, já sei que é maçada certa. Ou me pedem isto, ou me interrogam sôbre aquilo, ou... ou... em suma, é sempre para me meterem em trabalhos.

Por êste motivo, quando recebi a epístola, embora não adivinhasse quem poderia ter desenhado aqueles hieroglifos, não me apressei a rasgar o envelope e a desvendar o que quereria o meu correspondente.

Acabei de ler o capítulo do livro e, só então, me resolvi a decifrar aqueles riscos pretos. Sem pressa, li a assinatura: «John White». Pasmei! Seria possível? O meu bom amigo John, de quem eu não sabia há tantos anos, o «Americano», como o tratávamos, escrevia-me agora. Porquê?

Com sofreguidão, li o que vou reproduzir na íntegra:

Caro Luiz

«Acidentalmente, tive conhecimento, que se te meteu na cabeça escrever para o «Animatógrafo». Não aprovo, nem reprovo! Mas, como ainda me lembro da nossa boa camaradagem e da nossa muito amizade, vou revelar-te um segrêdo e, encarecidamente, te peço que o não traias.

Embora nunca me tivesses acreditado, já, por várias vezes, te disse (nos bons tempos em que ambos íamos ao «Nimas», como tu dizias e eu agora recordo) sou primo da Mary Carlisle! Possìvelmente, estás a pensar que esta afirmação, por demais repetida, não tem qualquer interêsse, mas o caso mudará de figura, quando souberes, (e apenas eu e tu temos conhecimento disto) que a minha prima, viajando sob o mais rigoroso incógnito, chega a Lisboa, na próxima semana, a bordo do Exeter. Bem sei que a Mary não é, pelo menos para o público português, uma estrêla de primeira grandeza, mas como tu também estás longe de ser um... (vá lá, não te quero ofender), segue-se que, terás agora a oportunidade de entrevistar e em exclusivo, uma autêntica vedêta de Hollywood. No dia próprio, lá estarei para as apresentações, e para o mais que fôr preciso.

Os meus afazeres e o receio de te roubar mais tempo, impedem-me de continuar. Aceita, pois, desde já, um forte «shake-hand» do sempre amigo»

John

Como se poderá calcular, fiquei sôbre brasas (o que não é nada desagradável dada a temperatura pouco amena que temos gozado).

O meu amigo parecia ser sincero! Talvez eu fôsse injusto em não o acreditar, quando êle, entre os seus parentes, mencionava, com orgulho, a Mary Carlisle.

Imediatamente, telefonei para a Companhia, a saber qual a data da chegada do «transatlântico».

Faltavam quatro dias.

Revesti-me de muita paciência e aguardei, com a ansiedade que se poderá calcular, o momento em que me iria estrear nestas lides. Como me sairia? Que lhe havia de preguntar? Ambicionava qualquer coisa de novo, qualquer coisa que ainda ninguém tivesse feito. Preguntas originais e não sacramentais; preguntas, cujas respostas interessassem a gregos e troianos.

Eis, finalmente, o momento que eu ambicionava. Durante a noite, por mais que me aconchegasse, não consegui recolher-me nos braços de Morfeu. O maroto não quis tomar conta do meu espírito inquieto. Às três da manhã, ainda eu, mentalmente, praticava de Frank Lesser e Frederick Holva sôbre o emprêgo de «shall» e «will», de «should» e «would», não fôsse o diabo tecê-las e eu dar provas de muita ignorância.

Mas, mesmo com a noite de insónia que tinha passado, mesmo com a pouca prática que eu tinha dêstes «sarilhos», estava calmo e tranqüilo. Tomei o caminho do cais e esperei a pé firme; olhei em volta — que o meu amigo devia estar perto —, mas, por mais que mirasse êste e aquele senhor, não consegui descobrir o amigo John... e, ao longe, já se divisava a silhueta do paquete que se aproximava.

Como me correrão as coisas, sem ter quem me apresente a Mary e lhe diga ao que vou? Mas, eu não estava disposto a perder, sem glória, o grande favor que me tinham prestado. «Se o meu amigo não veio, foi por motivo imprevisto. Não! Não estava certo que desmerecesse o obséquio com que o «Americano» me tinha distinguido. Um homem é um homem» e «Dos fracos não reza a história». Estou decidido... falar-lhe-ei.

....

O navio acostou há três horas. O meu amigo John, sempre brincalhão e bem disposto, resolvera antecipar o primeiro de Abril.

LUIZ TRINDADE
(Ex-Sepúlveda)

A propósito da volta de Marlene

O Pôrto bateu novamente Lisboa na estreia em Portugal duma das melhores produções de Pasternack: «A cidade turbulenta», título português do célebre «Dextry Rides Again».

Há nomes que só por si acreditam um espectáculo: estão neste caso os de Marlene Dietrich e Joe Pasternack.

A 1.ª, um dos casos mais extraordinários da mocidade eterna, voltou a Portugal depois de alguns anos de ausência. E volta, para gáudio dos seus admiradores, numa das suas melhores criações. Aproveitada inteligenligentemente pela Universal no momento em que parecia ir soçobrar definitivamente a deliciosa vedeta alemã demonstra estar ainda em óptima forma, especialmente quando canta duas canções lander, com uma desenvoltura, uma graça e uma variedade de movimentos que devem fazer a inveja de muitas «revelações» de 20 anos.

Na interpretação do filme, ela é Marlene, sedutora e, perturbante, mulher formosíssima e sensual.

O 2.º, Joe Pasternack, criou fama com os filmes de Deanna Durbin, fama aliás justíssima e as suas últimas produções classificam-no como um dos melhores e mais inteligentes produtores de todo o mundo.

Estes dois nomes reünidos num filme não devem permitir a ninguém um aborrecido: — «é mais um filme do oeste». E não só por causa disso: acrescente-se que o filme foi realizado por Raoul Walsh, de cuja categoria os bons cinéfilos não duvidam, que no elenco há ainda os nomes categorizados dum James Stewart, dum Misha Auer e duma Una Merkel e que o filme é um dos mais emocionantes e vigorosos dos últimos tempos e ninguém duvidará da excelência do espectáculo.

Uma das notas mais interessantes que o filme sugere é a «mudança» de James Stewart, que de ingénuo galã de comédia caseira nos aparece transformado em «herói» do oeste, homem enérgico, valente e decidido, que impõe a ordem e a lei numa cidade onde imperavam os olhos duma mulher... É interessante a criação de Jimmy, que lhe valeu um acréscimo de popularidade e mais admiradoras ao grande exército de que já dispunha. O popular Misha Auer, o fantasista Charles Winninger e a simpática Una Merkel valorizam o conjunto, acertado e perfeito como é hábito do cinema americano, onde aparecem ainda os nomes de Irene Hervey, espôsa de Allan Jones, e Brian Donlevy, em mais um papel de vilão do oeste, que parece ser agora a sua especialidade.

Por tudo isto, e ainda porque o argumento está escrito de forma a manter o interêsse do espectador até final, o filme impôs-se.

E eu, que o vi no Pôrto, voltei a vê-lo em Lisboa, para viver novamente hora e meia de bom cinema.

ARMINDO BLANCO

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

454 — BENJAMINA *(Lisboa)*. — «Não mais voltarei a gastar fósforo com tão ruim sujeito»... ...Eis o que se pode chamar a «Deliciosa mentira de Benjamina Petrowna». — Pelo que me conta, tem ido ao Cinema, o que é motivo para a felicitar e para me felicitar, pois quando V. jejua, as cartas são de tal maneira acinegráficas, que fazem arrepiar. — Espero que tenha ido ver *Sorte Grande* e que haja gostado da Ginger. Achei o filme delicioso, com os diálogos naquele estilo hesitante, que o «perigo» das situações justifica. Com efeito, uma palavra a mais, em certas ocasiões, parece capaz de precipitar irremedivelmente os acontecimentos... Quando afinal, em matéria de amor também, o que no tem remédio, remediado está. A Ginger, no hotel à beira do Niagara, é uma barrica de pólvora (ou, melhor,: de fogo de artifício...) com a mecha acesa... — A propósito, ainda da Ginger: que me diz àquele chapéu, género tôldo, com que ela aparece?! Dá um ar tão engraçado à cabeça... Parece que vai à vela... Sobretudo, quando lhe sopram de feição...

455 — UMA GAROTA SEM IMPORTÂNCIA *(Lisboa)*. — Viva! Dizes então que me conheces. Pois fica combinado. A primeira vez que me encontrares, dir-me-ás isso mesmo, de viva voz. E, palavra de *Bel-Tenebroso* eu não tentarei desmentir-te... Estás de acôrdo?! — A Ginger é de facto uma excelente artista. Tão grande no drama, como na comédia. Pessoalmente, gosto mais dela na fase de loira. Mas reconheço que mesmo morena (a *Sorte Grande* prova o facto à evidência) ela é uma mulher encantadora! — Jorge Brun do Canto iniciou esta semana *Lobos da Serra*. Adiou para melhor oportunidade a filmagem de *O Rei dos Homens*. — E até à próxima!

456 — MARIA DA SOLEDADE *(Lisboa)*. — *Eterno garoto* é um velho correspondente dêste teu criado. Lembro-me de que apareceu no *Cine-Jornal*, com o pseudónimo de *I love a green's eyes*. Depois, foi *Odeio-te... mas idolatro-te*. E, como as coisas lhe continuassem a correr mal, tornou-se no *Rei dos pessimistas*. — Maria Domingas e António Silva são os protagonistas de *Lobos da Serra*.

457 — JANET GAYNÓRFILA *(Lisboa)*. — *A Casa do Maltês* era um belo filme francês. Dalio foi o protagonista — Deanna Durbin completa (digo uma vez mais) 19 anos, no dia 4 de Dezembro.

458 — PÓ, CINZA E NADA — Que horror de pseudónimo! Ficas inscrito na lista dos meus correspondentes. Mas vê lá se arranjas um pseudónimo que cheire menos a Dia de Finados... — Parece-me muito difícil indicar-te a melhor maneira de realizares o teu sonho de ser actor. Em rigor, a dificuldade começa por não haver filmes em realização. Mas há outros, tantos e tão grandes! — Transmito as tuas saüdações a *Grande Amorosa*, *Balalaika* e *Benjamina*.

459 — ANTÍNEA *(Lisboa)*. — Não creio que os papéis que o Cary Grant tenha interpretado hajam influído na sua vida sentimental. Compreendo, perfeitamente, que um homem hesite, em Hollywood, antes de dar o sagrado nó... Porque fica na situação dum garoto guloso, perante a montra duma pastelaria, quando lhe dizem «escolhe um»!... — Fizeste muito bem em inscrever-te no «Clube de Animatógrafo». — Transmito a Bob Taylor as tuas saüdações, em retribuïção das que êle te enviou.

460 — CINÉFILO TIRSENSE *(Pôrto)*. — Carmen Miranda é açoreana. Mas há quem diga que agora está naturalizada brasileira. — Leo Carrillo continua a filmar. Vê-lo-emos, brevemente, em vários filmes. — Tudo indica que vejamos brevemente alguns filmes espanhóis. Sei que estão entaboladas negociações para apresentar em Portugal *Sin novedad en el Alcazar*, filme hispano-italiano, sôbre a epopeia de Toledo.

461 — EU NASCI PARA TE AMAR *(Rio Maior)*. — Não me parece que êsse amor predestinado tenha que ver alguma coisa com o Cinema. — Fred Astaire vai reaparecer ao lado de Ginger Rogers em *Together Again*, título que quere dizer: «Juntos outra vez». — Este leitor deseja corresponder-se com consulentes desta secção, cuja idade oscile entre os 16 e os 18 anos.

462 — I LOVE YOU, HELEN *(Lisboa)*. — Charles Trenet, contra o que foi anunciado, não morreu. Ainda há pouco reapareceu nos palcos de Marselha. — Não conheço nenhuma leitora com o nome que pretendes. Impossível, pois, fazer-te a vontade...

463 — PRINCESA DA SELVA. — Sempre irreverente, Princesa amiga!... — Hei-de então «morrer numa sexta-feira, com uma dor no joelho?! E tudo isso por não responder mais cêdo, às minhas consulentes?! Passarei, tôdas as sextas-feiras, a atravessar as ruas com o maior cuidado. — Ignoro de que maneira V. deverá pedir a foto que pretende. Em matéria de dissimulação, as mulheres costumam ser mais hábeis do que os homens. Estranho, porisso, que me peça conselho. — O seu pseudónimo é engraçado. Porque motivo o quere mudar?

464 — ESTRÊLA DE ALVA *(Lisboa)*. — No *Animatógrafo*, publicamos sòmente canções de filmes. As que enumeras não têm, para nós, interêsse que justifique a sua inserção. — *Estrêla de Alva* gostava de possuir uma foto de Charles Trenet. Haverá algum leitor que a queira oferecer?

465 — UMA ADMIRADORA DE TINO ROSSI *(Amadora)*. — De facto, 1940 legou-nos três filmes portugueses, que pareciam ser a indicação e a promessa de uma produção mais intensa e regular. Tal não sucedeu, porém: Tivemos *Pôrto de Abrigo* êste ano e só agora se vai iniciar outro filme *Lobos da Serra*. Quanto ao resto, projectos — e nada mais!

466 — UMA GAIATA CINÉFILA *(Lisboa)*. — Fizeste muito bem em não perder a esperança de que a resposta para ti chegaria a seu tempo, porque, como tiveste ensejo de comprovar, assim sucedeu. — Já publicámos o retrato do noivo da Deanna. Se calhar, entre 10 raparigas, nove não gostaram dêle. O certo é que o tal senhor Vaugham Paul é um homem de sorte! Teve sorte, até, no facto da Deanna Durbin me não conhecer...

467 — ROMEU SEM JULIETA *(Rio Maior)*. — É difícil dizer-te qual é o melhor filme de Bette Davis, tantos ela tem interpretado e tão poucos tenho visto em Portugal. No entanto, a crítica americana não se cança de tecer os mais rasgados elogios a *The Letter*, que William Wyler dirigiu. — Deanna Durbin completa 19 anos a 4 de Dezembro. — Registo o desejo que manifestas de te corresponderes com leitoras desta secção.

468 — GARRA DE FERRO. — Podes escrever a Mickey Rooney e a Judy Garland para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. O primeiro completa 20 anos a 23 de Setembro. Judy tem 17 anos. O sêlo para Hollywood custa 1$75. — Não me surpreende o teu entusiasmo pela Deanna Durbin. Ela é, hoje, a verdadeira «Noiva do Mundo». Êste leitor saúda *Deram-lhe uma Espingarda*, *Arsène Lupin*, *Raffles* e *Bob Taylor* e as «lindas leitoras» *Benjamina*, *Uma Garota sem Importância* e *Eterna Garota*.

469 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)* — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo pela *Patricia Morrison*. Tens muito bom gôsto. — Deves ver o *Homem-Sombra*, que é o melhor da série policial Powell-Myrna Loy. — Robert Taylor é um galã de incontestável valor. O seu trabalho na *Dama dos Trópicos* (que história tão complicada!...) impunha-se, a todos os títulos. Em rigor, os homens embirram com os chamados «homens bonitos». Assim se explica, quanto a mim, a animosidade do sexo forte contra o galã de *Margarida Gautier*. — Transmito os teus cumprimentos a *Dinhamá* e *Maria Papoila*, com quem desejas cartear-te. — Alguns filmes de Claudette Colbert: *Sob Duas Bandeiras*, *Ouvem-se tambores ao Longe*, *A Rapariga de Salem*, *Mundos Íntimos*, *Conheci-o em Paris*, *Tovarich*, *A 8.ª Mulher do Barba Azul*, *Meia-Noite*, etc. — É possível que vejamos êste ano outro filme de Patricia Morrison. — Ruth Hussey é a protagonista de *A sombra da Lei*, e vimo-la ainda em *Era uma vez uma senhora*, *Nick & Espôsa detectives*, etc.

470 — DONANFER. — Muito graciosa a partida que pregaste, dizendo que me conhecias. Espero que não tenhas ficado com remorsos. — Estou completamente de acôrdo contigo: a Ann Sheridan é «um caso muito sério»: por mim, quando folheio o «Filme Fun», até sinto vertigens...

471 — REY SEM TRONO *(Lisboa)*. — Respondo duma só vez a três cartas tuas. Tem paciência, mas o racionamento continua. — A nossa revista é remetida aos assinantes, em rôlo. — Os teus versos «a três tempos», como as valsas do fim do século passado, são muito inspiradas... Porque não concorreste aos Jogos Florais da Emissora? — Dizes-me que o par William Powell-Myrna-Loy «já deu o que tinha a dar». Não creio. É uma questão de argumento, o mal que lhe encontras. — *Como tu me desejas*, com Greta Garbo e Melvyn Douglas, segundo a peça de Pirandello, foi exibido no São Luiz há uns bons oito anos. — Escreve à Garbo para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Gloria Jean: Universal Studios, Universal City, Hollyood, Califórnia. — Transmito o desejo de te corresponderes com *Ninette* e *Grande Amorosa*.

Bel-Tenebroso

CONCURSO DE PROGRAMAS

•

A propósito dos programas dos cinemas que os leitores começaram a coleccionar para poderem tomar parte no GRANDE CONCURSO que nos propomos organizar no decorrer dêste ano, e que se baseia nas MAIS COMPLETAS COLECÇÕES DE PROGRAMAS que forem apresentados, esclarecemos que cada concorrente só deve reünir os que dizem respeito ao cinema ou aos cinemas da cidade, vila ou aldeia onde reside e que freqüenta. Não se trata, pois, de colecções de programas dos diferentes cinemas de Portugal. Deitem-se com alma ao concurso! «ANIMATÓGRAFO» promete valiosos prémios e «ANIMATÓGRAFO» cumpre sempre o que promete.

DOIS EDILIOS
DOIS ÊXITOS
DOIS FILMES

da 20th CENTURY FOX

num só programa

no **ODÉON**
e
no **PALÁCIO**

Um idílio Séc. XIX
Suave ... Romântico ...
com **DON AMECHE,**
ANDREA LEEDS e o
célebre «negro-singer»
AL JOLSON
(Swanee River)



«CORAÇÃO DUM TROVADOR»

«L... LIVRE...

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

